

REFLEXÕES CONCERNENTES AO CONCEITO TRABALHO NA COTIDIANIDADE (em Agnes Heller e Michel Maffesoli)*

Marta Regina Cezar Vaz¹

RESUMO: Ensaio sobre os escritos de Agnes HELLER acerca da categoria trabalho, com a intenção de marcar paralelos entre os pensamentos desta autora e os de Michel MAFFESOLI. Fica evidenciado que em ambos são manifestas as análises da vida cotidiana, espaço histórico do desenvolvimento individual e social. HELLER trabalha esta categoria - cotidiano - dentro de uma abordagem "*construtivista-dialética*", onde o sujeito da história é visualizado em sua temporalidade (passado, presente e futuro), dentro do processo de transformação individual e coletiva. Já a abordagem de MAFFESOLI contém um núcleo "*fenomenológico-compreensivo*", onde o sujeito da história é perseguido na dimensão do presente ("*vida comum/vida banal*").

UNITERMOS: Filosofia - Trabalho

PALAVRAS INICIAIS...

A presente exposição baseia-se nos escritos de Agnes Heller acerca da categoria trabalho. A intenção inicial de marcar paralelos entre os pensamentos desta autora e os de Michel Maffesoli efetivou-se de forma que foi possível construir um texto repleto de aproximação e distanciamento entre eles e a própria autora.

Tanto em Heller como em Maffesoli são evidentes as análises da vida cotidiana, espaço histórico do desenvolvimento individual e social. Heller trabalha esta categoria - cotidiano - dentro de uma abordagem "*construtivista-dialética*", onde o sujeito da história é visualizado em sua temporalidade (passado, presente e futuro), dentro do processo de transformação individual e coletiva. Já a abordagem de Maffesoli contém um núcleo "*fenomenológico-compreensivo*", onde o sujeito da história é perseguido na dimensão do presente ("*vida comum/vida banal*"), como ele mesmo diz: "*O cotidiano não é a denegação da História: é a história vivida na dia-a-dia*".

Passo agora a apresentar alguns fragmentos do produto de reflexão interiorizada, através da linguagem escrita:

Para Agnes Heller, o trabalho é um dos caminhos à genericidade do homem. É uma atividade básica e genérica do homem, é o intercâmbio entre a sociedade e a natureza. Natureza apreendida, não como realidade contemplativa e dada, mas enquanto construção do homem. O trabalho é uma objetividade do homem. Para ela, a vida cotidiana serve de mediadora entre o mundo imediato e particular, e as objetivações.

Em Maffesoli esta categoria trabalho não é central nas análises da vida cotidiana. Quando focaliza, é para salientar momentos do "*não trabalho*", entendido por ele como um "*hiato*" existente na vida cotidiana, sendo uma brecha instaladora da duplicidade.

A duplicidade, o simulacro, a aparência, a repetição, a astúcia, a teatralidade... aparecem na dimensão do trabalho como "*não trabalho*", o qual é uma das minúsculas situações da vida cotidiana - parte do imaginário² - O "*não trabalho*" é

* Trabalho apresentado à disciplina Cotidiano II do Curso de Doutorado em Filosofia da Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC e vinculado ao Núcleo de Pesquisa Educação e Trabalho em Enfermagem (NEPETE) - REPENSUL do Curso de Enfermagem da Universidade do Rio Grande URG, e como Tema Livre no 46º Congresso Brasileiro de Enfermagem. Porto Alegre, 30 de outubro a 4 de novembro de 1994.

¹ Enfermeira, Docente do Curso de Enfermagem da URG.

² O imaginário faz parte do dado social, "... a parte do imaginário é importante naquilo que chamamos de minúsculas situações da vida cotidiana (...) o fantástico e a ficção não possuem outro sentido senão organizar um espaço vital, formado o cotidiano aceitável". (5, p. 85-87)

aprendido como necessário para a "sobrevivência do trabalhador" no processo produtivo. O autor, ao meu ver, impulsiona o significado negativo do trabalho para a margem do trabalho produtivo econômico, ou seja, como atividade que o homem realiza "somente" para suprir suas necessidades imediatas ou mediatas. A paixão, ou prazer... não aparecem no trabalho propriamente, mas sim nos momentos de "não trabalho". O trabalho seria como uma ordem social, onde os indivíduos, aparentemente integrados nela, fazem resistência por meio do corpo mole - "não trabalho".

O trabalho faz parte do lado iluminado e o "não trabalho" do lado do sombra, que engendra a moleza, a passividade e a resistência. Este momento de "não trabalho" serve para introduzir o imaginário no prosaísmo da vida diária, neste caso em particular no trabalho³.

Essa duplicidade (trabalho/não trabalho) usa de astúcia contra o sistema, a qual é "... um dos fatores essenciais da criação de um espaço e de um tempo fantástico na vida cotidiana". (5, p. 67-70)

O trabalho seria uma prática societal, que engenha instituições de trabalho, de controle, de dominação; e o "não trabalho" faria parte do surrealismo empírico que se oferece como concretude. A prática societal permite a ordem da moral, e o surrealismo a uma expressão ética, que ajuda o homem a viver o seu destino do dia-a-dia, através de um imaginal luxuriante e desordenado. (6)

O trabalho, então, é para Maffesoli uma instância que condiciona o indivíduo. Posso dizer, que o não trabalho, seria a possibilidade de transformação/ resistência desse condicionamento.

Para Maffesoli, o mundo social não pode ser reduzido ao mundo da produção (ao mundo da produção político-econômica). Ele propõe um enfoque voltado para as múltiplas e minúsculas situações e práticas da vida cotidiana, onde vive um conjunto misto de objetividades e de fantasias, de estruturas controláveis e de mitos incompreensíveis que configuram a realidade.

Assim sendo, não há uma preocupação do autor no afastamento, na superação do cotidiano, para buscar atingir a essência do homem, dado que esta ou não, na própria cotidianidade.

Em Heller a vida cotidiana é a vida que todo homem vive. "... sem nenhuma exceção, qualquer que seja sua posição na divisão do trabalho intelectual e físico. Ninguém consegue identificar-se com sua atividade humano-genérica a ponto de poder desligar-se inteiramente da cotidianidade. E, ao contrário, não há nenhum homem, por insubstancial que seja, que vive tão somente na cotidianidade embora essa o observe preponderantemente". (2, p.17)

A autora visualiza a participação do homem na vida cotidiana com todos os seus aspectos individuais, onde este coloca em funcionamento todos os seus sentidos, todas as capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, mil idéias e ideologias. Esse homem da cotidianidade é "... atuante e fluido, ativo e receptivo, mas não tem tempo nem possibilidade de se absorver inteiramente em nenhum desses aspectos; por isso, não pode aguçá-los em toda sua intensidade". (2, p.17-18) Vejo a possibilidade do humano-genérico posta no deslocamento da própria vida cotidiana. Deslocamento que o homem pode concretizar através de suas ações (arte, ciência, filosofia... e do trabalho). Isto é, através do processo contínuo de exteriorização do sujeito e ao mesmo tempo do processo de reprodução do particular.

Agnes Heller, nesta trajetória, apresenta sua concepção de trabalho vinculada ao significado por Marx, onde a categoria trabalho abrange duas dimensões: uma, enquanto execução de um trabalho (*Labour*), sendo parte orgânica da vida cotidiana, e outra, enquanto atividade de trabalho (*Work*), sendo uma objetividade diretamente genérica.

Na diferenciação entre estes dois conceitos, trabalho -*Work*- e o trabalho como *Labour*, a autora, reportando-se a Marx, salienta que a diferença está no próprio trabalho, está em produzir valor de uso. O produto do trabalho contém a possibilidade do uso, do ser ou não utilizado; nessa direção trabalho seria *Work*, onde a produção de mercadoria em si não viabiliza a sociedade e a genericidade, mas estas só se realizam através do intercâmbio de mercadorias, na qual todo o trabalho é trabalho abstrato, que produz um va-

³ Ao analisar o "fantástico cotidiano" Maffesoli expressa: "Ao lado da direção linear e segura que a gestão política e econômica oficial tenta organizar, existe um processo rico em acasos, feito de moleza e passividade, que avança ao ritmo das paixões, encontros (...) Aqui não existe porquê; a causalidade é praticamente sem efeito". (5, p.68)

lor, (valor de troca). A sociedade do trabalho, então, se efetiva através da troca de mercadorias, mas para que isso ocorra, o produto do trabalho deve sempre satisfazer uma necessidade social e ter o tempo de trabalho socialmente necessário para produzi-lo⁴.

Vale dizer agora, que o homem é unidade na diversidade. Todo o homem é um ser singular-particular, que apresenta determinadas qualidades e atitudes e necessidades próprias, "... sua singularidade, ainda que particular, é sempre social, socializada". (3, p.31)

Mas se ao contrário, meu produto não satisfaz a nenhuma necessidade social, ou é produzido num tempo de trabalho superior ao socialmente necessário, não é *Work* e sim *Labour*.

O trabalho dirigido a satisfazer as necessidades particulares e naturais é evidente no homem como fator de primeira importância; ele sintetiza estas necessidades e as contrapõe como fato subjetivo ao meio natural, que é o objetivo de suas ações.

Na cotidianidade, a concepção de trabalho, para este homem, fica centrada "*no que se deve fazer*", onde as experiências e o pensamento do dia a dia não distingue entre "*o que alguém deve fazer*" e "*o que deve necessariamente ser feito*". Deste modo, na consciência cotidiana, o trabalho não significa somente constrição, a concepção contém também a causa desta constrição, sendo o trabalho uma atividade que deve ser cumprida para se viver (ganhar o pão de cada dia). O significado do trabalho fica restrito a um mera descrição empírica, sendo o *Work* considerado como *Labour*.

Agora, então, no plano de reprodução do particular, o trabalho é uma atividade cotidiana. O que Heller chama de puro *labour*, caracteriza-se quando numa determinada atividade de trabalho, torna-se parte da reprodução cotidiana do particular como particularidade, ou individualidade, e seu produto não chega a circular na sociedade.

Heller considera que no plano econômico e sociológico, a categoria *Work* é uma objetivação imediatamente genérica, como já referido, cujo

fundamento é o processo de produção, o intercâmbio orgânico entre a natureza e sociedade, e cujo resultado é a reprodução material e total da sociedade.

Nesta objetivação, o homem sujeito do trabalho, é um ser genérico, um ser social, que só existe em sociedade e só pode apropriar-se da natureza com a mediação da sociedade. (3, p.31)

A transformação da natureza se dá movida pela necessidade de satisfazer carências, pois o homem em seu estado natural, é desprovido de condições que possam garantir sua plena sobrevivência. Estas são de exploração e transformação e se convertem em trabalho, em sentido amplo. Através deste, o homem produz sua subsistência, transforma a natureza e se transforma (humano-genérico), constrói instrumentos que auxiliam, e/ou satisfazem as carência individuais e coletivas.

Evidencia-se assim, que o trabalho é ao mesmo tempo uma ocupação cotidiana e uma atividade imediatamente genérica que supera a cotidianidade, e se deriva de sua especificidade antropológica, não tendo nenhuma relação necessariamente com sua alienação⁵.

ÚLTIMAS PALAVRAS...

O privilégio à categoria trabalho contém a intenção e a ação de apreender o trabalho como "*... o movimento que, sendo em contato a interioridade/exterior do indivíduo com a exterioridade dos outros, transforma os dois extremos na alteridade posta ou construída das estruturas sociais, no interior das quais eles se realizam como indivíduos*". (1, p.9)

O homem/sujeito aplica esta imediação (trabalho) nas relações com seus pares - para alcance do conhecimento de si mesmo e dos outros. Portanto, o conhecimento do homem ocorre em suas relações, a partir das ações coordenadas formadoras das estruturas propriamente sociais/materiais/intelectuais...- o trabalho.

A partir desta posição, uma pergunta: o que a leitura dos estudos de Maffesoli proporcionou para

⁴ Para detalhamentos sobre os significados de valor de troca, valor de uso e tempo socialmente necessário ver o cap. referente a mercadoria em *O Capital*(7, p. 41-83)

"A diferença entre o cotidiano e não cotidiano não constitui em absoluto em fenômeno da alienação por princípio, se não um produto da específica dialética entre reprodução social e individual". Sobre esta afirmação ver "*A heterogeneidade da vida cotidiana*". (3, p. 93-118)

meus conhecimentos? O encaixe daquela concepção e a compreensão acerca do trabalho em Heller são evidentes, dado que esta categoria é apresentada em lugar marcante no espaço da vida cotidiana - cenário de suas análises sobre o sujeito e a história.

Maffesoli não apreende o trabalho como foco básico de sua análise da vida cotidiana. Visualiza esta categoria como periférica, fazendo parte da lógica racional "*do lado iluminado*" da cotidianidade. Ainda mais, não considera que o trabalho se constitua num imperativo categórico, por representar, fazer parte dos valores prometeicos, e sua proposta, com já dito, é considerar a vida cotidiana como um lugar privilegiado dos alternativos valores dionisíacos que apa-

rece no tempo presente⁶.

Penso que é aqui mesmo que encontro a resposta, pois o autor provocou a reflexão acerca de minha concepção e sua base teórica, dado que empurrou a caminhada para o mundo dos símbolos, do subjetivo-concreto com sua "*fecundidade específica*". Auxiliando, desta forma, a retomada de posição. Porque não dizer, ao rejuvenescimento de minha posição. Sem dúvida, estes autores provocam um deslocamento para pontos de caráter subjetivo, interativo ou pontos do vivido no embate do cotidiano aparentemente mais imediato, possivelmente uma dimensão de complementariedade em relação à vida "*social*": e/ou vida "*societal*".

ABSTRACT: Synopsis about writings of Agnes Heller concerning the work category, with the purpose to point out parallel between her opinions and Michel Maffesoli's. There is evidence that in both are manifests the analysis of daily life, historic space of individual and social development. Heller works this category - daily - into an approaching "constructivist - dialectic", where the subject of historic is visualized in its temporality (past, present and future) into the process of individual and collective changes. The approaching of Maffesoli has a nucleus "phenomenological Comprehensive", where the historic subject is pursued in the dimension of present ("usual life/banal life").

KEYWORDS: Philosophy - Work

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ETGES, Norberto J. Trabalho e conhecimento. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 5-24, jan./jun. 1993.
2. HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, 121p.
3. HELLER, Agnes. *Sociologia de la vida cotidiana*. 3. ed. Barcelona: Península, 1991. 424p.
4. KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, 230p.
5. MAFFESOLI, Michel. *Conquista do presente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984. 167p.
6. _____. A superação do indivíduo. *Rev. Fac. de Educ.*, São Paulo, v. 12, n. 1/2, p. 325-353, jan./jun. 1985.
7. MARX, Karl. *O capital*. Crítica da economia política. 10. ed. São Paulo: Difel, 1985, 579p. Livro I, v.1.

Recebido para publicação em 20.1.1995.

Aprovada para publicação em 22.4.1995.

⁶ "Mas não há nenhum homem (nem nenhuma comunidade) que conheça ou seja capaz de conhecer o outro indivíduo em todas as suas relações. Tanto as pessoas quanto as comunidades podem conhecer ou captar, sempre, tão somente aspectos isolados da personalidade, da essência dos indivíduos. Mas isso não implica de nenhum modo, em uma contraposição necessária entre "essência íntima" e manifestação exterior, Por outro lado, todo homem pode - mediante suas experiências sociais e individuais - obter um conhecimento do homem que lhe permita averiguar se um determinado indivíduo se manifestou num ato importante, decisivo... (2. p. 92), ao ponto de expressarem alguma coisa de sua essência.